O SEGUNDO GRANDE ELO



O SEGUNDO GRANDE ELO

Pelo espírito
SOPHIE

Romance psicografado por
ELIZABETH PEREIRA

vivaluz
editora

Copyright ©2013 by
VIVALUZ EDITORA ESPÍRITA LTDA.
Rua Professor Licinio Carpinelli, 107 – Jd. III Centenário
12944-750 – Atibaia – SP
PABX (11) 4412-1209 – FAX (11) 4412-8750
vivaluz@vivaluz.com.br
www.vivaluz.com.br
twitter.com/@VivaluzEditora
facebook.com/VivaluzEditora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Preparado na Editora)

Sophie (Espírito).
O Segundo Grande Elo / pelo espírito Sophie / psicografado por Elizabeth Pereira. - -
1. ed. - - Atibaia, SP : Vivaluz Editora Espírita Ltda, 2013.

ISBN 978-85-89202-39-8

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita I. Pereira, Elizabeth. II. Título

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:
1.Romance espírita : Espiritismo 133.9

1ª edição – Agosto 2013

Preparação e revisão de texto	Camila Fernandes
Capa	Sergio Campante
Projeto gráfico e diagramação	SGuerra Design
Coordenação editorial	Alexandre Marques
Impressão	Assahi Gráfica e Editora

Os direitos autorais deste livro foram doados pelos autores ao Grupo Espírita Jesus de Nazaré, localizado na cidade de Oliveira, em Minas Gerais.

ÍNDICE

PRÓLOGO 9
I. A Alemanha invade a Polônia 19
II. A Alemanha invade a Noruega e a Dinamarca 45
III. A Alemanha invade a França 75
IV. A Itália invade o norte da África 109
V. A Alemanha invade a URSS 169
VI. Holocausto 225
VII. O bombardeio de Köln 289
VIII. A guerra no Pacífico 353
IX. Os Aliados invadem a Itália 391
X. A luta na Birmânia 431
XI. A libertação de Paris 481
XII. O Brasil se une aos Aliados 533
XIII. A queda de Berlim 601
XIV. O Projeto Manhattan 651
XV. Festa em Casa de Zaqueu 711
POSFÁCIO 719

Dedico esta obra aos Elos dos quais tive o privilégio de ser contemporânea, acompanhando suas atuações em prol da paz do Cristo:

Os Anjos do Asfalto, Aparecida Conceição Ferreira, Aung San Suu Kyiu, Ayrton Senna da Silva, Bob Geldof, Bono Hewson, Chico Mendes, Chico Xavier, a Corporação do Corpo de Bombeiros, a Cruz Vermelha, Desmond Tutu, Dorothy Stang, a EDA (Esquadrilha da Fumaça), Elisabeth Kübler-Ross, o Greenpeace, Herbert José de Sousa (Betinho), João Paulo II, Madre Tereza de Calcutá, Marcelo Crivela, Mikail Gorbachev, MSF (Médicos Sem Fronteiras) e Nelson Mandela.

Elizabeth Pereira

PRÓLOGO

Zaqueu se despediu da plateia que o ouvia atenta e apreensivamente. Jesus não pedira a este venerável discípulo que se despojasse de tudo e o seguisse, mas, ainda assim, ao mirar os olhos amorosos do Mestre, ele o fizera. Agora, convocara lideranças de esferas socorristas e, com seu jeito meigo e amoroso, propôs um plano de trabalho em torno da Segunda Guerra Mundial.

O plano espiritual estava em alerta: o trabalho seria multiplicado muitas vezes e todos os trabalhadores seriam convocados. Zaqueu, ex-cobrador de impostos, chegava de esferas mais altas, onde se inteirara de todas as informações de que precisava para liderar um grupo de socorristas e seus subgrupos.

Vários dos presentes choraram, emocionados pela presença do grandioso espírito ao qual as escrituras quase não se referem, mas que brilha em seu posto de auxiliar de Jesus. A ele foi confiada a admirável função de socorrista dos espíritos que teriam, nesse triste evento, a oportunidade de quitar débitos com a justiça divina e com a própria consciência. Choraram também ao ouvi-lo falar a respeito dos acontecimentos que levariam mais de 70 milhões, entre civis e militares,

ao desencarne. As batalhas, os bombardeios constantes, a fome, as doenças e o terrível holocausto que viria foram expostos de maneira clara e sucinta.

Zaqueu parafraseou Jesus em Sua célebre parábola dos trabalhadores da última hora (Mateus 20:1-16). Disse que os profetas vieram na primeira hora e os filósofos, grandes precursores do cristianismo, na terceira. Na sexta hora, hora de maior luz, desceu à Terra o anjo de Deus, o mais legítimo representante das potências do bem, o portador do Verbo Divino, a Estrela Maior: Jesus Cristo. Mas, depois que Ele se foi, a Terra caiu nas trevas da Idade Média. A nona hora recebeu os santos de Assis e de Pádua e os cérebros privilegiados dos grandes renascentistas.

— Estamos exatamente na undécima hora. Podem imaginar quem são os trabalhadores que o Mestre chama agora? A obra está em fase de acabamento, o trabalho já não é tão pesado, mas ainda assim receberemos o mesmo salário dos primeiros profetas, pois para o Senhor não é importante a quantidade de trabalho e sim sua qualidade. Sejamos operários e não mercenários, pois os primeiros operam por amor à obra e os segundos, pelos salários, e ao recebê-lo ainda o comparam com o dos demais trabalhadores.

"Todos nós estamos em contato constante com a Terra e sabemos que, nesta primeira metade do século XX, o crescimento intelectual superou todos os bilhões de anos passados. Nunca se inventou tanto! Nunca se cresceu tanto com a virada de um século na historia deste planeta.

"Mas os corações, infelizmente, cresceram menos que os cérebros. E o orgulho egoísta ainda fere a humanidade, que teima em aprender pela dor. A guerra ainda existe porque o orgulho ainda impera. Haverá o dia em que ela será apenas uma página negra nos livros de história da humanidade. Estamos na reta final. Na segunda metade deste século, espíritos bons voltarão à carne. Com eles, virão os recalcitrantes. Assim, os primeiros ajudarão os segundos a aproveitar a última oportunidade no orbe que também evolui, já que começa o

processo de expurgo e apenas os mansos serão os bem-aventurados que herdarão a Terra renovada.

"Elevemos nossos pensamentos ao Mestre dos Mestres e vibremos para que seja este evento o primeiro e o último embate dessa proporção que o planeta atravesse. Que o tão desolador conflito faça mais pela humanidade, além de promover a quitação de débitos. Que os homens possam aprender com a dor a serem fraternais, empáticos e desejosos da paz. Que o auspício de novos inventos se materialize no trabalho dos enviados do Alto para lenitivo das dores.

"Peçamos ao Cristo de Deus que nos permita vencer mais esta luta, tornando-nos melhores, maiores e mais amáveis diante do sofrimento alheio, que será o sofrimento de toda a humanidade.

"Que a paz radiosa e infinita do adorável rabi da Galileia desça sobre nossos corações a fim de que possamos levá-la de maneira despretensiosa aos corações daqueles que, na carne, enfrentarão esses dias difíceis, de dor inigualável, que se anunciam para a Terra. Que possamos levar uma centelha da paz do Bom Pastor tanto às vítimas como aos carrascos no vale de lágrimas que se aproxima. Sejamos a milícia do cordeiro no intuito de derrubar as barreiras que nos separam do imaculado aconchego do Mestre de Nazaré. Somos assim, irmãos, os felizes convidados para Sua seara redentora, nos braços de Sua grandeza inquestionável e de Seu amor inesgotável. Assim seja!"

Antes de voltarem a seus planos de origem, todos os espectadores fizeram questão de abraçar o meigo discípulo. Entre eles estava eu. Sentia-me pequena demais diante de tanta grandeza. Quando os braços dele enlaçaram meu corpo, tive a impressão de ter sido transportada pelos espaços siderais e regressado à Palestina no tempo em que Jesus se encontrava encarnado, deixando naquelas paragens uma atmosfera leve e agradável.

— Zaqueu! Meu bom amigo de tantas eras!

— Sophie! Nem Ele se deixou tratar por bom. Bom é nosso Pai. Amigo, sim, eu sou e serei para sempre.

Beijei as mãos dele, que ficaram molhadas por minhas lágrimas de emoção.

— Obrigada por me conceder a honra de trabalhar a seu lado. Só não digo que me sinto feliz porque já tenho consciência de quão avassalador será o evento. Peço sua ajuda.

— Nada tema! É Jesus quem está no leme. Volte para seu lar e prepare sua equipe. Se precisar de meus conselhos, basta pensar em mim.

— Subirei em uma árvore bem frondosa para falar com você.

— Não faça isso, minha amiga querida. Já não tenho essa estatura. Se subir, meus olhos não conseguirão mais alcançá-la.

— Não se perca de mim. Se não continuar recebendo os influxos de seu pensamento nobre, com certeza falharei nessa difícil empreitada.

— O Cordeiro estará com você, Sophie. E lembre-se sempre de saudar os outros com a paz do Cristo. Em tempos de guerra, não devemos deixar de pensar na paz, de falar na paz, pois somos o que pensamos. A luz espanta as trevas e a guerra é apenas a ausência da paz. Esteja em paz, seja a paz, leve sua paz ao mundo e que a paz do Cristo esteja com você.

— Com você também, Zaqueu. Receba meu tributo de gratidão e afeição profundas. E nem pense em retribuir. Sinto-me plena de devoção e amor verdadeiros!

• • •

O clima ameno e agradável do pronto-socorro nem de longe traduzia a preocupação que eu trazia de minha estadia em Casa de Zaqueu. Pensava em uma maneira de contar a meus amigos sobre a tragédia eminente sem assustá-los e, ao mesmo tempo, sem amenizar os fatores críticos.

Nessa época, começo do ano de Nosso Senhor de 1937, eu cuidava de um hospital no plano mais próximo da crosta terrestre, onde

ainda trabalho, e contava com uma equipe de ajudantes peculiares e dotados de muita boa vontade. Zaqueu me instruíra a não deslocar uma grande equipe do hospital para a crosta, pois o lugar deveria estar sempre pronto para receber os espíritos recolhidos.

Decidi que partiria com um grupo de socorro pequeno, o qual deveria recolher e encaminhar para o hospital aqueles que nos fossem confiados. Sob a responsabilidade de nossa equipe ficaria um grupo de pessoas que deveríamos estudar. Conheceríamos suas histórias, lutas, sonhos e ilusões. Este grupo, em sua maioria civil, necessitaria de atenção exclusiva na hora extrema; mais tarde, ao estudar seus arquivos, eu saberia por quê. Nos intervalos de suas desencarnações, estaríamos trabalhando em meio a algumas batalhas e bombardeios e seguiríamos ordens maiores.

Por mais de um ano da Terra, eu e mais onze irmãos nos preparamos para o sangrento evento. O grupo, coeso e afim, era formado por Cosme e Salomão, amigos que se dedicaram às artes da medicina em várias encarnações; Nina, Sara, Lia, Isa, Ana e Eva, dóceis mulheres que durante anos auxiliaram com amor no hospital; Léon, estudioso da alma humana em sua complexidade majestosa; Lina e Saulo, amigos de longa data e poetas apaixonados pela causa humana. Embora os últimos houvessem estudado muito pouco no campo da medicina, eram dotados de sensibilidade e bom coração. E, por fim, eu, aprendiz de todos eles.

Os outros trabalhadores estariam a postos em nosso hospital para receber aqueles que, logo após os primeiros socorros em uma tenda improvisada na crosta, seriam levados para lá. Nosso hospital, bem como os outros do plano espiritual, estava sendo ampliado e adaptado para receber a torrente de pacientes que chegaria devido ao desencarne em massa. O trabalho era intenso. Embora estivéssemos cônscios do que vinha a nosso encontro, uma apreensão crescia em nosso peito, oprimido pela ansiedade da guerra anunciada.

Lina e Saulo, membros de nosso grupo de trabalho na crosta, me procuraram poucos dias antes do início do conflito mundial. Eles

choravam muito; o choro era a marca registrada dos dois. Mas, por trás das lágrimas, eram fortes como rocha e enfrentavam qualquer situação. Naquele momento, choravam e se iravam diante das notícias que vinham da Alemanha. O motivo da indignação era claro:

— Sophie! Como o tal Führer quer começar essa guerra se pelo tratado de paz assinado no primeiro conflito ele só pode se defender?

— Sentem-se aqui, meus queridos. Vou contar como as coisas são. Mas não é para vocês se revoltarem: mesmo que o pobre Adolf se considere um semideus, é Jesus quem está no leme.

"Hitler enviou alguns espiões para se apoderar de armas e uniformes do exército polonês. Trajando esses uniformes e usando essas armas, as tropas dele atacarão o posto alemão da fronteira. As cápsulas disparadas e os pedaços do tecido das fardas não deixarão dúvidas. Uma perícia facilmente dará o laudo que ele espera."

— A Polônia atacando a fronteira alemã?"

— Sim, Saulo, e isso dará à Alemanha o direito de revidar, já que o de atacar está suprimido pelo Tratado de Versalhes[1].

— Esse mesmo tratado não suprimia a indústria bélica alemã? Com que armas ele fará a guerra?

— Não seja inocente, Saulo. O Führer nunca respeitou o tratado.

— Por que ele quer a guerra? — Lina perguntou, desolada.

— Vou deixar que Léon responda à sua pergunta, é bem a área de estudo dele.

O senhor de traços franceses e austeros aproximou-se, acompanhado de Sara, sua discípula mais aplicada. Acariciando o vasto bigode, hábito que ainda cultivava, ele respondeu com presteza:

— A infância dele foi difícil. Dos seis filhos que os pais dele tiveram, apenas ele e uma irmã sobreviveram. O pai era violento

1 Tratado de paz assinado em 1919 pelas potências europeias após a Primeira Guerra Mundial. Determinou principalmente que a Alemanha aceitasse a responsabilidade pela guerra e cedesse territórios e indenizações pelos prejuízos causados durante o conflito.

e depressivo. Isso não justifica em hipótese alguma as maldades cometidas por ele, mas eu gosto de começar pela infância. — Sorriu. — A verdade é que ele, como todo o povo germânico, sofre de um enorme complexo de inferioridade. Todos suspiram ao falar de egípcios, fenícios, gregos e romanos; no entanto, eles sempre foram bárbaros. Donos de um patriotismo apaixonado, mas ainda assim bárbaros.

— Ele nem é alemão!

— Coisa que ele modificou logo que possível. Assim que anexou a Áustria, optou pela nacionalidade alemã por preferir um "reino homogêneo". Ele trouxe para esta encarnação a sensação de humilhação por ter de permanecer encarcerado no plano espiritual por quase dois milênios para que um judeu pudesse encarnar na Terra, em Nazaré. Daí vem sua aversão à raça, que ele já prejudica com um boicote comercial há algum tempo.

"O fato de nunca ter passado de cabo no exército alemão, no qual se alistou na Primeira Grande Guerra, e o fato de ter ganhado uma medalha de segunda classe foram recebidos por seu ego já ferido e monstruoso como mais uma humilhação. Ter sido reprovado no exame de admissão foi para ele inconcebível. Mas o que desencadeou seu plano de ascensão política e guerra foi o armistício assinado pela Alemanha, em terras francesas, ao fim da Primeira Guerra, impondo condições humilhantes para sua amada Alemanha. Esse pacto foi assinado no dia em que seu olho foi ferido em batalha. Em vez de voltar para o front, restou-lhe o escárnio dentro de um vagão de trem. Ele jurou se vingar da França, da Inglaterra e de todos os semitas.

"Não se pode negar que foi uma ascensão prodigiosa. Em duas décadas, a Alemanha deixou de ser escombros para se tornar uma potência. E a administração dele é incrível! Reerguer a Wolksvagem, entre outras, foi um golpe de mestre. Empregou cidadãos, gerou capital, impostos... A inteligência dele é inquestionável. Mas é mal direcionada."

— E quanto ao governo único? Não seria essa a ideia do Führer?

— Não. O reino único deveria ser de igualdade, fraternidade e liberdade. Não me parece ser o que esse patriotismo nazista doente deseja.

— Roma teve sua chance.

— E serão eles que darão a palavra final no conflito, bem à romana, com uma "mentirinha boa".

— Léon, não entre nesse detalhe por ora — eu pedi. — Pode assustar nossos amigos.

Em uma tentativa de desviar a conversa a respeito das duas explosões atômicas aterradoras que Zaqueu nos fizera conhecer, ele fez um comentário curioso:

— Os romanos agora habitam o cérebro do planeta, uma responsabilidade da mesma envergadura de quem está no coração.

Todos perceberam que ele falava da América e do Brasil. Nem ousaram questionar do que Léon dizia; já se encontravam tensos demais. Não apenas eles: todos estavam apreensivos. Nós nos sentíamos sentados em um buraco de areia. Os trabalhos em função do monstruoso conflito começaram anos antes deste lado da vida. Sempre tínhamos um apoio superior, que por sua vez também o tinha, e acho que, ao começo dessa corrente de luz incomensurável, o Segundo Elo era o Magnânimo Senhor da Terra. Este tinha ainda o apoio do sempiterno Senhor dos Mundos, o Primeiro Elo da Corrente, a força criadora de onde todos viemos e para onde voltaremos.

• • •

Foi com o coração partido que reuni meus onze amigos para mostrar uma cópia de um jornal da Terra. A manchete da primeira página dizia que a Polônia covardemente invadira a indefesa Alemanha — o falso ataque que sabíamos que aconteceria.

— Que Jesus nos fortaleça, ilumine e console — eu orei. — Força para a exaustiva jornada, luz para saber atuar da maneira correta e consolo para nossos corações ao depararmos com o que veremos a

partir de agora. Cenas desoladoras de morte, dor, fome e sangue por terra, ar e mar. A Terra linda e azul será pintada de vermelho pela ganância e pelo orgulho do homem.

Trocamos fortes abraços, regados de lágrimas, antes de adentrarmos o veículo que nos levaria à crosta.

Uma sirene ecoava qual um lamento, convocando os trabalhadores do Cordeiro à luta. Éramos um exército, sim, e enfrentaríamos uma guerra, a Segunda Guerra Mundial, no plano etéreo, um conflito sem tréguas durante o qual receberíamos amigos dos Aliados e do Eixo. Cada um falando um idioma, trazendo dentro de si um fanatismo patriótico diferente e um ódio igual. Éramos soldados da Terra, elos da corrente do bem, da paz universal. Nossa bandeira era a do planeta inteiro, a cor de nossas vestes, a branca, e nosso general, o Cristo. Não havia possibilidade de derrota. Nossos farnéis estavam cheios de amor ao próximo, fosse ele alemão, francês, inglês, americano, italiano ou brasileiro. Nosso lema era o que Ele nos passou: Pai, perdoe-os, pois não sabem o que fazem.

O som da sirene era uma marcha fúnebre. Todo o plano do espírito se movimentava. Os planos abissais estavam em polvorosa: também teriam sua participação no evento. Estimulariam a crueldade, a deslealdade e os crimes de guerra. Recrutariam guerreiros para suas hostes medonhas e andrajosas, quando tropas do primeiro conflito, tão recente, se vingariam de seus arqui-inimigos.

Nossa equipe, abraçada, repetiu o Pai Nosso e ocupou o veículo sem rodas, que ganhava uma velocidade vertiginosa, fazendo nossos alvos macacões colarem-se ao corpo.

Cosme, Salomão e Léon, acostumados às viagens transdimensionais, tinham expressões calmas e tranquilas. As meninas, como eu as tratava, estavam assustadas e se agarraram umas às outras. Saulo, que também não se sentia confortável com a velocidade, mantinha os olhos bem fechados.

Mirei meus amigos e perguntei, irreverente, se estavam receosos de o veículo cair e eles morrerem. Um coro de doze risos encheu nossa condução e a tensão foi quebrada.

Algum tempo depois, pudemos ver as copas das gigantescas tendas imaculadamente brancas e translúcidas, agitadas pela brisa outonal, montadas estrategicamente no Corredor Polonês. Olhando de cima, podia-se ver a real dimensão da obra magnífica da guerra contra a guerra. Inimaginável, grandioso, magnificente é o amor de Jesus por nós. Ninguém está só. Com desmedido desvelo, Ele prepara um ninho de repouso para cada ovelha desgarrada que volta, vítima de sua própria insensatez.

A movimentação era intensa. Sabia-se que o cruzador alemão SMS Schleswig-Holstein se aproximava da costa polonesa em grande velocidade. Então, entramos em nossa tenda-enfermaria e traçamos nossos planos de ação. Tínhamos conhecimento de que seria uma batalha de aproximadamente um mês, quando a Polônia se renderia à Alemanha e à União Soviética, que atacaria pela parte oriental. Ficou decidido que Salomão, Cosme, Nina, Lia, Isa e Ana permaneceriam por perto da enfermaria, que por sua vez estava na zona de conflito, de onde seria mais fácil resgatar os rapazes alemães e poloneses. Para Saulo e Lina coube a tarefa de proteger um espírito amigo que se encontrava na juventude de sua encarnação naquele país. Tratava-se de um velho amigo da dupla, com uma missão iluminada a ser realizada no século XX. Sua desencarnação comprometeria muito a mensagem cristã. Era, portanto, imprescindível que ele sobrevivesse à guerra.

Léon, Sara e eu partiríamos para além das fronteiras de Danzig em busca de uma alma desorientada, Racoja, a primeira que deveríamos acolher.

CAPÍTULO 1

A ALEMANHA INVADE A POLÔNIA

Eram exatamente 4h45 da madrugada de 1 de setembro de 1939 quando o exército alemão lançou uma ofensiva contra a Polônia. O objetivo era retomar o território perdido na Primeira Grande Guerra e o problemático corredor polonês, bem como expandir o território alemão. Os canhões abriram fogo sobre as posições polonesas em Westerplatte, em Danzig. Foi um mês de dor e horror. A União Soviética ocupara o lado oriental e dividira uma nação. As enfermarias estavam lotadas nos dois planos. Soldados pereciam, mas continuavam a correr pelos campos de batalha, sem perceber que haviam deixado seus corpos densos para trás naquilo que acreditavam ser apenas uma queda.

Naqueles dias, Salomão e Cosme fizeram verdadeiras cirurgias para desacoplar perispíritos de soldados opositores que o ódio unia e chegavam das zonas inferiores, onde vinham se digladiando desde a Primeira Guerra. Pareciam gêmeos siameses, um espetáculo aterrador de se ver. O socorro era levado aos recém-desencarnados e ao exército que subia do seio da Terra para participar do evento.

Vários jovens alemães gritavam, andando em ziguezague por entre os projéteis que ricocheteavam, procurando fuzis e baionetas. Salomão se aproximava ternamente deles.

— Venha comigo! — pedia a cada um. Nesse momento, sua aparência era a de um alemão. Levava o soldado para a tenda que muito se assemelhava a uma enfermaria do mundo material. Seu corpo espiritual exibia ferimentos monstruosos, mas em meio ao medo e ao ódio o jovem pouco percebia.

— Preciso de armas, amigo, e só um pouco de morfina, pois começo a sentir dor.

Salomão amparou nos braços fortes o soldado, que se entregou como um bebê. Trazendo o precioso fardo, passou-o aos braços de Lina e pediu a ela que cantasse para ele. Por um momento, ela pensou que não suportaria o peso do robusto rapaz. Porém, ao tê-lo nos braços, percebeu que era mais leve que uma pluma.

— Cante em alemão, Lina — recomendou Saulo —, uma bela canção de ninar!

Enquanto alisava os cabelos do soldado, dourados e cortados bem curtos, ela cantou:

Schlaf und Traum!
Rast in mein arm, Sohn aus mein Herz!
Schlaf und Traum, während der regen fällt, wie eine schöne musikalische Note auf dem Dach.
Schlaf und Traum! Vielleicht sind sie Realitäten in den Morgen angekündigt.
Wenn der regen weicht sonne.
Aber jetzt schlafen und lass den regen fällt auf uns
Waschen unsere Sorgen und Schmerzen.
Lassen Sie es jetzt regen! Es regnet auf Sie!
Das regen auf mich herab.
Schlaf! Schlaf jetzt!

E a canção dizia:

Durma e sonhe!
Repouse em meus braços, filho de meu coração!
Durma e sonhe, enquanto a chuva cai como uma bela nota musical no telhado.
Durma e sonhe! Quem sabe os sonhos serão realidades na manhã que se anuncia,
Quando a chuva ceder lugar ao sol.
Mas agora apenas durma e deixe que a chuva caia em nós,
Lavando nossas mágoas e dores.
Deixe que chova agora! Que chova em você!
Que chova em mim.
Durma! Durma agora!

Um a um, os soldados dormiam e eram transportados para o hospital. Outros chegavam à tenda. Esse belíssimo acontecimento se repetia indefinidamente, dezenas de vezes. Saulo e Lina fizeram dormir os temidos alemães com uma cantiga de ninar que compuseram de maneira improvisada, porém cheia de altruísmo. Neles, eu via a caridade pura em forma de canção.

O cheiro de pólvora era predominante na atmosfera antes límpida da Polônia. Estávamos no vigésimo dia do dito ataque-surpresa; chegara a hora de dividirmos o grupo para seguir em socorro de outras pessoas. Desejando boa sorte uns aos outros, partimos.

Chegamos a uma cidade muito maltratada pela invasão soviética, onde adentramos tendas verde-musgo, marcadas com uma cruz vermelha. Elas compunham a enfermaria do plano físico. Os catres improvisados espalhados por todo o interior eram a tradução fiel da dor e do desespero. Os gemidos, como uma sinfonia tétrica, enchiam o ar de tristeza e revolta. Aquelas eram pessoas atordoadas e sem norte, que havia poucos dias tinham seus lares, sonhos, amores. Haviam sido obrigadas a ver seus mundos ruírem, suas casas desabarem como

gelo ao sol, seus afetos apartados, desaparecidos... Sua única esperança era a paciência. Deviam esperar o fim da destruição para reconstruírem suas vidas.

Em meio a todo o horror próprio da guerra, encontramos Ksenia Racoja, filha de um polonês e uma russa. Tinha pele alva, olhos verdes e cabelos ruivos. Desde menina trazia o hábito de estar sempre apertando a própria barriga com o braço, devido às dores abdominais que já sentia mesmo antes de menstruar. Quando isso acontecia, o sofrimento aumentava expressivamente com a dismenorreia e a hemorragia que perseguiam a menina por 15 dias a cada mês.

Por causa dessa dor, ela aprendera a aplicar injeções em si mesma. Era o que fazia no momento em que a vimos pela primeira vez, naquela manhã fria de um setembro polonês: injetava morfina nos compatriotas feridos.

Um médico com jaleco emporcalhado aproximou-se de Ksenia Racoja, solicitando sua ajuda para uma amputação. Ela protestou, alegando não ser enfermeira. Com rosto grave, o médico disse a ela:

— Em tempo de guerra, se você sabe aplicar uma injeção, é enfermeira, já que as enfermeiras agora são médicas.

— E os médicos, o que são?

— Somos deuses!

Com apenas uma anestesia local e dois fortes soldados imobilizando o paciente, a operação começou. O jovem operado gritava tanto por Jesus que colocamos nossas orações para subirem de carona com seus gritos.

Jesus com certeza esteve comigo no momento em que beijei a testa suada e febril do paciente, que caiu em coma profundo. Quando me afastei, vi seu corpo espiritual separar-se parcialmente do físico e correr para mim, andando com as duas pernas e pedindo que não deixasse a amputação ser feita. Tomei nos braços aquela pobre criança e senti a impotência avassalar meu coração. E, desejando no mais íntimo de meu ser ter forças para ajudar o jovem, mas sem a menor ideia do que fazer, pensei em Zaqueu.

É intraduzível o estado em que me encontrava quando a tenda verde-escura tornou-se subitamente branca à entrada de meu amigo e mentor.

Léon, de olhos fechados, orava. Sara chorava copiosamente.

Quando Zaqueu se aproximou do garoto em meus braços, o corpo ferido estremeceu e os traços sofridos se suavizaram.

— Que Jesus os abençoe! — disse Zaqueu. — É raro ver tamanha demonstração de amor. Vocês são verdadeiramente servos de Jesus, conhecidos por muito amarem.

Nada conseguimos responder a ele. A compaixão pelo jovem soldado e o amor irradiado por nosso Elo superior deixavam-nos sem voz. São realmente inenarráveis os prazeres do espírito.

Zaqueu tomou o garoto de meus braços, desligou-o do corpo denso e o segurou com imenso carinho, como se fosse uma peça de cristal muito fino. Agradeceu ao Mestre, emocionado, e disse-nos sem palavras: *Se precisarem, é só pensar em mim*. Depois, sua imagem e a de seu socorrido se desfizeram diante de nós, deixando apenas um corpo sem vida jogado em um catre ao lado do qual a garota ruiva chorava.

Refeitos pela presença de Zaqueu, voltamos ao objetivo primeiro: Ksenia Racoja. Convidei meus amigos a entrar nos arquivos de sua vida passada. Precisávamos conhecer nossa protegida melhor para acompanhá-la de maneira imparcial. Eu havia visto algo sobre sua existência como Dolores na Espanha e gostaria que Léon, com seu conhecimento, nos auxiliasse no entendimento da culpa que ela carregava, sentimento capaz de minar as forças físico-espirituais, deixando-nos doentes do corpo e da alma.

• • •

O ano 1830. O mês, agosto ou setembro, visto que as árvores estavam completamente nuas.

Uma carruagem corria velozmente através de uma estrada estreita e empoeirada. O cocheiro chicoteava sem piedade o pobre cavalo,

que parecia enlouquecido. Dentro, uma jovem senhora de cabelos e olhos negros como a noite e tez dourada pelo sol gritava para o cocheiro ir mais depressa.

A bela mulher, com traços ciganos e uma beleza que enfeitiçava, vestia-se de vermelho vivo, cor que também usava no lenço que cobria parte de sua cabeleira sedosa e brilhante. A maquiagem carregada escondia sua verdadeira idade.

Dolores. Este era o nome da dama agitada no interior da carruagem. Segundo os boatos locais, era dotada de proteção diabólica, sendo pactuante do demônio, visto que nem mesmo a Inquisição conseguia destruí-la. A verdade era que o inquisidor caíra de joelhos diante da beleza estonteante de Dolores e perdera toda a razão diante da mulher.

Era dona de uma casa de entretenimento, um teatro de variedades que apenas a nobreza e a burguesia tinham o poder de frequentar. Com ele, acumulara dinheiro e inimigos. A tudo e a todos dominava com seus poderes variados: ora o poder do ouro, ora o da libido e, muitas vezes, o dos segredos que guardava a sete chaves.

Dolores apenas não contara com o "feitiço" do amor que passara a corroer seu peito a ponto de não poder ficar um só dia sem se avistar com Carlos, o jovem inquisidor. Essa paixão fora correspondida ardentemente por ele até que, um dia, ela dissera ao amado que teria um filho. Propusera que partissem para longe, talvez para a Itália, onde ninguém os conhecia e poderiam ser felizes.

Mas o jovem entrara em pânico. Deixar a Igreja e a excelente posição que ela lhe dava? Ele tinha o poder da vida e da morte, tinha dinheiro, uma vida confortável. Não! De jeito nenhum pretendia abandonar tudo aquilo para trabalhar duro e criar filhos.

A futura mãe vira seu mundo desmoronar. Sem Carlos, morreria. Nada mais tinha valor, já que o religioso se negava a recebê-la.

Na tentativa de animar a dona do teatro, as atrizes e dançarinas tudo faziam. Trouxeram um grupo de saltimbancos, um belo pianista escandinavo, seresteiros e violonistas do novo continente. Mas nada fazia sorrir Dolores, que parecia morrer pouco a pouco.

Mas um dia, em uma manhã muito chuvosa, foi trazida à presença de Dolores uma mulher chamada Manoela. Era baixa e obesa e trazia uma bolsa de couro a tiracolo. Olhando muito séria para ela, perguntou:

— Quer livrar-se desse fardo?

— Pode fazer isso por mim?

— Não me agrada que me respondam a uma pergunta com outra.

— Quero.

— Sabe que vai matar seu filho?

— Se ele me afasta de Carlos...

Durante toda a manhã e parte da tarde, depois de dar a Dolores uma beberagem, Manoela espancou seu ventre, algumas vezes com os punhos, outras com uma sola de tamanco. A pele da moça ficou totalmente coberta de hematomas e, ao cabo de algum tempo, ela parecia totalmente inconsciente. Sangrava aos borbotões e assumira uma palidez cadavérica.

No ápice do desespero, o espírito reencarnante em seu ventre gritou até a exaustão. Por fim, prostrou-se ao lado da cama daquela que seria sua mãe, chorando e jurando vingança. Uma entidade veio a seu encontro para levá-lo ao descanso e evitar o confronto com Dolores, que se afastaria parcialmente do corpo físico devido ao coma. Ela, ao ter um vislumbre do socorrista levando o filho, em um sentimento antagônico, correu para pegá-lo de volta como qualquer mãe faria diante de sua criança sequestrada. Como não conseguiu detê-lo, vagou aos prantos por vales sombrios, chamando pelo filho, pedindo perdão. Tinha os pés machucados e os cabelos desalinhados.

Esse pesadelo durou três dias. Ao despertar, recebeu a notícia de que estava livre do bebê. Depois de recuperada, com o rosto coberto por um véu, foi ter com Carlos.

— Cobri o rosto porque sabia que não me receberia se soubesse que era eu — disse a ele. — Vim dizer que morro de saudades de

você, amor de minha vida. E que aquele que nos separava está morto e enterrado. Entende?

Assim, Dolores voltou aos braços do inquisidor. Recebeu a visita de Manoela por mais quatro vezes. Por quatro vezes ela respondeu às mesmas perguntas, passou pelos mesmos padecimentos físicos e esteve à beira da morte.

Porém, o que mais maltratava sua pobre alma era a dor da culpa. Nos momentos em que ficava inconsciente, sofria ao vagar até as regiões mais sombrias tentando resgatar os filhos que choravam em um local que se distanciava mais à medida que ela se aproximava. Nos momentos de vigília, sentia a culpa arder em suas veias e em seu abdômen, constantemente. Sabia, porém, que faria tudo de novo, quantas vezes fossem necessárias, para não perder Carlos.

As agressões contínuas roubaram sua saúde, que tornou-se delicada. Ainda era bela, porém, não mais jovem quando recebeu a notícia que a fez sair em disparada. Carlos estava com uma jovem portuguesa em sua casa. Isso explicava por que ele se ausentara de Dolores por tanto tempo. O desinteresse por ela era humilhante. Tratava-a por velha e acabada. E a doença que Dolores insistia em chamar de amor só fazia agravar-se vertiginosamente.

A carruagem parou a poucos metros da casa de campo do religioso, como ela instruíra o cocheiro. Desceu sentindo a alma sangrar e caminhou lentamente, sem pressa de chegar. Na verdade, desejou morrer antes de alcançar a entrada.

Sentindo a dor da traição e a sensação de tempo perdido, abriu a porta bem devagar. Nada viu na sala. Virando-se automaticamente, chegou à porta dos aposentos do amado e parou. Pensou em voltar para casa e fingir que nunca estivera ali. Se tivesse a visão da traição, teria que deixá-lo. Talvez não sobrevivesse a isso...

Mas cinco vultos negros, aqueles que teriam sido seus filhos e atormentavam seus sonhos, fizeram uma algazarra, incitando-a a abrir a porta. Ela o fez.

Nunca sentira dor tão grande! Nem os punhos e tamancos de Manoela haviam causado tanta dor. O mundo perdeu a cor. A música do vento outonal parecia uma marcha fúnebre. Carlos estava nos braços de uma mulher duas vezes mais jovem que ela. Dolores levou as mãos ao peito como se pudesse arrancar a dor dali, mas era como se tivesse fisgas de anzóis a rasgar-lhe as carnes.

— Que faz aqui, Dolores? Não vê que constrange Venância? — Carlos apontou para a jovem lusitana que, assustada, se cobria com o lençol.

— Ainda me repreende por constranger essa... moça? — ela gritou. — Carlos! Como pode fazer isso comigo? Olhe tudo que fiz por você! Eu vivi por você. Eu matei por você. Deixei tudo para estar a seu lado, pois para mim é a coisa mais importante do mundo. Amo-o mais que ao próprio Deus e é assim que me retribui? Mate-me de uma vez, então. Será mais piedoso da sua parte.

— Nunca pedi nada a você. — Carlos levantou-se, apartado do prazer e da amante. — A única coisa que pedi foi que desaparecesse quando ficou prenhe pela primeira vez.

— Eu matei nossos filhos. Essa dor me persegue dia e noite. Ouço choros e gritos de crianças. Vejo bebês pelas ruas e em amontoados de lixo, e quando tento pegá-los eles somem. Fiz isso por seu amor.

— Fez pela minha presença. Nunca me perguntou se eu a amava.

— Não! Jamais poderia fazer isso. Tenho horror da resposta...

— Então, é porque já a conhece.

— Sei que não me ama! Eu, contudo, tenho tanto amor que basta para os dois, sempre bastou. Agora, pretende me abandonar, Carlos?

— Eu já fiz isso, Dolores. Não percebeu que não a procuro há meses e que me encontro com minha nova amante?

— Não diga isso, pelo amor de Deus!

— Vá embora, Dolores. Acabou.

— Não vai ficar com outra. Prefiro vê-lo morto!

Com um salto felino, Dolores sacou um punhal da bolsa, saltou sobre Venância e penetrou sua garganta com a lâmina afiada.

— Maldita! — o inquisidor gritou, chocado, correndo para o corpo inerte da amante. — Matou Venância!

— Que me importa isso? Já matei nossos filhos por você! Bastardo! Vou matá-lo também. Nunca mais me trairá, bandido.

— Nunca mais tocarei um só dedo em você! Eu a repudio!

Totalmente fora de si, ela avançou contra o ex-amante, que facilmente tirou-lhe a faca das mãos e esmurrou seu rosto repetidas vezes. Movida pelo ódio, pela obsessão que sentia pelo padre e pela influência dos cinco inimigos espirituais, ela já não falava, grunhia. A boca espumava e as unhas rasgavam a própria pele.

— Contarei tudo para o bispo! — gritou. — Se ele não tomar providências, irei ao papa. Irei até o inferno falar com Satanás, que é a quem vocês representam. Você está acabado, Carlos, acabado!

Com a frieza própria de seu caráter, o inquisidor apanhou o fino punhal do chão e golpeou Dolores várias vezes no abdome.

Tão logo deixou o corpo, ela foi recebida pelos filhos abortados. Durante três décadas, foi atormentada e espancada por eles. Ao fim desse período, a misericórdia divina os resgatou e os enviou para uma nova experiência na carne.

Os danos sofridos no corpo físico lesionam também o corpo espiritual, que serve como matriz para a formação do corpo novo que usaremos na encarnação futura. Dessa maneira é que trazemos para a vida presente mazelas das vidas pregressas. Este é sem dúvida o pecado original: aquele que trazemos ao nascer. Em contrapartida, esta é também a forma de expurgarmos nossos erros, visto que a reencarnação cura o perispírito, deixando as lesões no abençoado corpo carnal, que funciona exatamente como um filtro. Abençoada seja a dor, assim como as imperfeições e dificuldades físicas, pois elas são a cura do espírito.

Assim, Dolores, renascida como Ksenia Racoja, não teria condições físicas de gerar filhos. Pagaria com abnegação aos cinco a quem devia a vida, atuando como enfermeira de guerra.

• • •

Léon e Sara olhavam nitidamente para mim. Seus olhos se desviavam para Ksenia, que, visivelmente abatida, corria entre os leitos onde os feridos gritavam de dor, acudindo-os. Durante o tempo em que estivemos com ela, percebemos que, dentre todos os seus pacientes, quatro não paravam de chamar por ela. Pareciam sugá-la sem piedade. Nós nos aproximamos e descobrimos que eram Haskel, Heiko e Helder, irmãos, e Petroski, um conhecido dos três. Diante do olhar interrogativo dos elos amigos, eu respondi que sim: aqueles eram os bebês de Dolores-Ksenia.

— Onde está o quinto? — perguntou Sara.

— Era Bartinik, que partiu nos braços de Zaqueu. Ele a perdoou; conheciam-se desde a infância, por isso ela se sentiu tão mal ao participar da amputação.

Pelos próximos dez dias, estaríamos ao lado de Ksenia, tentando fortalecê-la em sua luta redentora. Ela era também um elo daquela corrente de luz contra as trevas, da paz contra a guerra. Cada ação em prol da humanidade, naqueles dias difíceis, fortalecia nossas posições nessa cadeia. Quer estivéssemos no plano físico ou no espiritual, éramos elos da mesma corrente.

Por várias noites os soldados insones chamavam por ela, sedentos, febris ou sentindo dores extenuantes. Chamavam-na para que ela os confortasse, como não haviam podido fazer na infância que lhes fora negada. Nesses momentos, desejei saber a letra da música de Lina e Saulo. Eles, com um simples pensamento, me transmitiram a canção de ninar, que eu sussurrei ao ouvido de Ksenia. Ela a reproduziu fielmente, fazendo dormir seus "bebês". Ao final do oitavo dia, o vigésimo nono do fogo cruzado, eles se amavam intensamente.

A dor sempre acelera o crescimento e o perdão. Quanto maior o sofrimento, maior a empatia e a solidariedade. Ksenia fez por aqueles filhos, em apenas um mês o que deixara de fazer durante uma vida inteira. Ela cuidou deles, alimentou, medicou, banhou e acariciou um

a um. E o mais importante: Ksenia amou aqueles rapazes de maneira profunda, a ponto de dar a vida por eles.

A enfermaria contava com muitos pacientes e poucos profissionais, em uma média de mais de duas dezenas por um. Tentávamos auxiliar a pobre Ksenia, bem como os irmãos que deixavam o corpo ali ou nos campos de batalha. Nesses momentos, o amor dela pelos rapazes desorientados era tão gigante que por si só os socorria. Os olhos verdes da jovem polonesa estavam rodeados por traços arroxeados devido ao cansaço descomunal. Quando o médico a dispensava para descanso, ela se dedicava a Haskel, Heiko, Helder e Petroski. Assim, eles recebiam a atenção que em tempos de guerra era negada aos feridos.

No trigésimo dia de inferno, o fogo havia cessado. O país estava submetido à Alemanha e à URSS, que fizeram valer o Pacto Molotov-Ribbentrop. Os pacientes em estado crítico foram levados para hospitais convencionais. Os feridos que não corriam risco de morte, ainda que muito feridos, foram mandados de volta para suas casas. Mas que espetáculo caótico e desumano! Não lhes foi oferecido um transporte, uma companhia, nada! Deixavam a tenda apoiados em muletas grotescas, envoltos em ataduras, com manchas que iam do vermelho vivo à cor do chocolate. Os cabelos raspados e as barbas por fazer davam aos antes belos rapazes uma aparência desoladora.

Profundamente apiedados, paramos às portas da tenda e, a cada um que passava coxeando, tocávamos sua testa, seu centro de força coronário. Como havia nos garantido Zaqueu, procurávamos assim transmitir a paz do Cristo de Deus, que sabíamos fazer parte dessa cadeia como o elo mais próximo do Criador. Com esse toque, notávamos que eles saíam com uma esperança no porvir. Mesmo tendo o país sitiado por inimigos de leste a oeste, uma nova corrente de ânimo penetrava as veias daqueles soldados.

Muitos estavam famintos e sedentos e abaixavam-se com dificuldade para apanhar uma porção de gelo e levá-la à boca. Era apenas o primeiro mês de guerra e a fome já fazia doer os estômagos vazios.

Quatro rapazes, embora também viessem mancando e envoltos em ataduras, tinham as barbas feitas. Eram os "filhos" de Ksenia. Esta vinha pedalando em uma velha bicicleta, que tinha atrelada à traseira um balaio tão grande que lembrava uma caixa-d'água. Na verdade, era um cesto cheio de pães, que ela distribuiu. A soldadesca fez a festa e a jovem sorrateiramente entregou aos protegidos uma garrafa de leite, dizendo ser a única. Todos sorriam. Apenas eu e meus dois amigos chorávamos.

— É inacreditável! — exclamou Léon. — Como o ser humano, em momentos de grande tensão, se une, se ajuda e se fortalece! Isso é o instinto de preservação, não do indivíduo, mas da espécie. A resistência e o poder de reconstrução humanos beiram as raias do inimaginável. E neste clima, por mais paradoxo que possa parecer, o amor cresce entre as pessoas, pois descobrem que só assim o ódio dos líderes pode ser vencido: com amor e solidariedade. É necessário que venham os escândalos...

— Onde conseguiu este carregamento de pães? — Heiko perguntou enquanto comia com sofreguidão.

— Tirei de um senhor que o levava para o acampamento soviético — respondeu Ksenia. — Fácil, fácil! Obstruí o caminho dele e me escondi sobre o barranco que margeia a estrada. Quando ele parou para limpar a passagem, roubei a bicicleta e vim para cá. Ele não chegou a me ver. Sabia que, famintos, vocês não poderiam chegar em casa.

— Eu e meus irmãos não podemos chegar em casa. Ela foi tomada pelos soviéticos. Nossos pais estão mortos. Morávamos em um sítio bonito e farto, mas nós nos alistamos no exército e meus pais ficaram sozinhos lá. Sabendo que era a casa de três soldados poloneses, eles a invadiram e mataram nossos pais. Dizem que fizeram uma espécie de QG lá.

— Será verdade?

— Acredito que sim. Tínhamos um bom sistema de comunicação e muita comida nos celeiros, bem como espaço para uma brigada se estabelecer.

— O que farão, então? Voltarão para o exército?

Ele riu, desolado.

— Que exército, Ksenia? Não temos mais país, que se dirá de um exército?

— Eu me esqueci. E você, Petroski, tem para onde ir?

O rapaz balançou a cabeça em sinal negativo.

— Venham comigo para minha casa. É pequena, mas só restei eu de minha família. Quando os russos entraram aqui, vieram matando quem estava pelo caminho, e minha família estava pelo caminho. Vocês quatro e eu podemos ser uma nova família!

Ksenia abraçou os rapazes e os cinco partiram juntos.

A casa de madeira era pequena e limpa. Em poucos minutos, o fogo crepitava, aquecendo o ambiente. Longe da enfermaria, tudo de que a moça dispunha para cuidar dos feridos era água e sabão. Depois de tratar deles, ela foi ao quintal e cavou o gelo, retirando de lá alguns legumes. Era o costume deixá-los congelados para que continuassem frescos enquanto não havia nova colheita, e naquele tempo servia também para esconder a comida dos soviéticos, que pilhavam tudo com que deparavam, visando recursos para suas futuras pretensões.

Deixamos os cinco amigos na área ocupada pelos soviéticos e nos encontramos com nossos companheiros na fronteira da Alemanha. Lá, recebemos as notícias mais recentes.

Os alemães já dominavam um território vasto. Haviam anexado a Áustria e as áreas ocupadas por minorias germânicas da Tchecoslováquia, metade da Polônia e a Prússia. Hungria, Bulgária, Romênia e Iugoslávia eram questão de tempo. Porém, a notícia mais preocupante era que, embora nada fizessem para ajudar a Polônia sitiada e humilhada em todos os seus valores e em sua soberania, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, temendo as pretensões nazistas para o Ocidente. A Itália, questionada quanto a formar uma linha de defesa, até então declarava-se neutra.

Os civis alemães não estavam felizes com os acontecimentos. Temiam o futuro, recordavam-se ainda com dor do primeiro

conflito e não desejam aqueles horrores novamente. Mas tudo estava apenas começando.

Saulo e Lina chegaram de sua bem-sucedida missão. Andrzej, o rapaz ao qual foram proteger, estava são e salvo, escapando do dramático encontro com uma divisão do Exército Vermelho. Contaram tê-lo encontrado em meio a um grupo de mais seis universitários que vinham para casa depois dos estudos, cortando caminho pelo bosque.

Os rapazes de cerca de 20 anos não seguiram carreira militar: preferiram os livros e as artes, em especial o teatro. Com a ocupação do Teatro Municipal da cidade, eles ficavam até mais tarde na escola ensaiando e escrevendo peças dramáticas. Agora, trabalhavam em uma sátira sobre a Alemanha Nazista.

Ao fim dos ensaios, nossos dois amigos se aproximaram do protegido e sugeriram que não passasse pelo bosque; era perigoso demais nessa época de conflito. Ele repassou o apelo aos companheiros, que repeliram a ideia, pois tomando o atalho ganhariam quase 30 minutos. Ele decidiu seguir os outros e não mais ouviu as súplicas dos amigos espirituais, que precisaram usar outros meios.

Andrzej empilhava os rascunhos das peças escritas pelo grupo para levá-los consigo, a fim de passá-los a limpo à noite. Tinha uma bela letra e energia elétrica em casa. Usufruindo da faculdade mediúnica do rapaz, Saulo fez uma das pastas cair das mãos diligentes do escritor no momento em que todos falavam de uma vez e não foi possível perceber o barulho do pacote indo ao chão. A porta do pequeno auditório foi trancada e os artistas universitários saíram sorrindo, animados. Já adentravam o bosque quando Lina sussurrou à consciência de Andrzej:

— Onde está a pasta com "O poderoso Maluco"?

Ele a procurou entre as outras.

— Deve estar no chão do teatro — continuou Saulo. — Opa! Isso não é bom. Pode acabar sendo roubada, plagiada ou, pior, encontrada por um russo e cair nas mãos dos nazistas.

— Pessoal! — gritou Andrzej. — A pasta com a nova peça. Acho que a deixei na escola. Vou voltar lá. Vão andando, eu os alcanço daqui a pouco.

Ele refez a trajetória com mais rapidez do que os espíritos amigos imaginavam. Em breve, estava de volta, literalmente correndo para alcançar os outros. Os espíritos trocaram um olhar sugestivo: usariam sua última alternativa. Precisavam atrasar o atlético moço. Então, Lina se fez visível na figura de uma jovem vestida à moda da época.

— Olá! — disse. — Você é Andrzej?

— Sou eu. Eu a conheço?

— Com certeza, sim, mas não sei se você se lembrará de mim. Meu nome é Lina.

— Não me recordo. Perdoe-me!

— Tudo bem. Eu assisti a uma apresentação sua e de seus amigos na faculdade. Você não se lembraria mesmo, são tantos espectadores! — Os dois sorriram. — Mas isso não impede que você me faça companhia para atravessar o bosque, impede?

— De maneira alguma. Mas não se importa de andar só em minha companhia?

— Não mesmo. Sei que é tido como um rapaz de bem, bom, educado e respeitador. Além, é claro, de religioso.

— Está bem, vamos lá!

Lina caminhou o mais lentamente que pôde e, quando começou a descer uma encosta coberta de neve, sentou-se atrás de uma árvore. Ofegante, pediu a ele que esperasse um pouco para ela tomar o fôlego. Descalçou as botinhas e massageou os pés, fazendo cara de dor. O rapaz, solícito, sentou-se ao lado dela. Em seu pensamento bondoso, ela precisava de sua proteção, diferentemente dos colegas adiante, que eram homens e estavam em grupo. Jamais deixaria uma "mocinha indefesa" sozinha.

Durante alguns minutos, conversaram sobre a ocupação. Lina sentia vontade de abraçar o velho amigo, de dizer o quanto o amava.

Mas naquele momento o importante não era seu sentimento e sim a missão de luz que poderia ser apagada pelo fogo soviético. Seguiram conversando até que, lá embaixo da ladeira, seis tiros soaram e o eco ribombou como trovões. Andrzej ameaçou correr ladeira abaixo.

— Não! — Lina protestou. — Nada pode ser feito. Seis tiros. Eles já se foram. Se você descer esta encosta correndo, serão sete tiros. A única coisa que pode fazer por eles agora é sobreviver.

Lina e Saulo, que os acompanhava espiritualmente, puderam visualizar os seis, pouco mais que meninos, ajoelhados, de cabeças baixas e trêmulos de pavor, sendo executados sumariamente com um tiro na parte posterior da cabeça.

Lágrimas escorreram nas faces sem cor do jovem quando ele imaginou a cena dos amigos assassinados.

— Cristo de Deus! Ajude-nos! Se eles nos virem... Corra, Lina. Eu os distraio — suplicou Andrzej ao ver a divisão do Exército Vermelho subindo na direção deles.

— Nunca o deixarei para trás. Tudo de que preciso é que sobreviva. Pensemos em Jesus. Pensemos em Zaqueu.

— Por que Zaqueu?

— Por causa da árvore. Vamos subir na árvore. Lá em cima há uma parte do tronco que está oca. Ele subiu para ser visto; nós subiremos para nos esconder.

— Consegue subir? Mal consegue andar.

— Sou campeã em alpinismo.

Os dois escalaram a árvore. O orifício no tronco comportaria apenas o corpo de Andrzej, que entrou em pânico quando viu que não seria suficiente para proteger a ambos. Calmamente, Lina sobrepôs o corpo etéreo que usava ao corpo denso de Andrzej e os dois preencheram o espaço do tronco. O barulho dos passos dos russos e suas máquinas de matar fizeram o suor porejar sobre o lábio do polonês. A aflição o fazia orar e Lina e Saulo acompanhavam suas orações. Os soldados passaram. Um deles usava o casaco de um dos amigos de Andrzej.

— Como você fez isso? — sussurrou o jovem para Lina. — Sabemos que duas coisas não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo.

— Não mesmo.

— Você entrou neste buraco que já estava ocupado por mim, não me incomodou, não me pressionou. Como ocupou o mesmo espaço que eu ao mesmo tempo?

— Não estamos no mesmo espaço, Andrzej. Não estamos no mesmo lugar.

Lina, com a mão direita, penetrou o tórax do amigo.

— Sinto seu coração, Andrzej. Que grande coração! O mundo precisa dele. Sobreviva à guerra! E leve a paz do Cristo a todas as nações!

— Como fez isso?

— É um tipo de mágica. A mágica do amor sublime e da paz universal. Que o Mestre dos Mestres o abençoe!

Quando Lina desceu da árvore, já não era mais visível a Andrzej, que chorava de emoção. Ele entendera que aquela moça atrasara de propósito sua caminhada. Não se tratava de uma pessoa de carne e osso. Fora enviada para não deixar que ele fosse visto pelos russos. Para salvá-lo da morte.

Decidiu que viveria para o propósito pelo qual fora salvo: levar a paz do Cristo a todas as nações.

• • •

Todos se emocionaram com a narrativa de Saulo e Lina. A equipe médica se preparava para a etapa da Dinamarca e eu convidei todos a ir em busca de um elo importante da corrente de paz: Ksenia estava prestes a deixar a Terra.

Assim, fomos todos para a fronteira oriental. Lá, os camaradas dominavam e tomavam à força até mesmo alianças de casamento dos civis poloneses, indefesos.

A chaminé da pequena casa de Ksenia na fronteira com a URSS parecia uma locomotiva de ferro diligente. Os legumes e a carne da marta caçada por Haskel cheiravam a condimentos picantes que aguçavam a fome.

Entramos na residência e encontramos a dona da casa mexendo o guisado. Os quatro rapazes estavam na floresta em busca de mais alimento e lenha. Refeitos dos ferimentos, já se encontravam naquelas paragens havia vários dias, vivendo felizes tais quais os anões que, aqui, ao contrário do conto, eram hóspedes da princesa.

Pancadas fortes na porta, seguidas de palavras em russo, fizeram Ksenia tremer. Seu coração se acelerou, as pernas pareciam não aguentar o peso do corpo e o estômago, este órgão que sofre de maneira colossal nossas emoções negativas, parecia mais gelado que as montanhas. Abriu a porta e viu quatro militares do Exército Vermelho. Um deles, que parecia o superior, falou com ela em polonês arrastado:

— Eu sou Aleksyéi e estes são meus camaradas. Queremos comer e depois partiremos em paz. Sirva-nos!

Sem discutir, ela serviu os militares, sabendo que ficaria sem jantar, assim como seus amigos. Entretanto, não podia argumentar.

Um dos outros soldados russos, que não se comunicavam em polonês, disse algo a Aleksyéi e este perguntou a ela:

— Quem mora com você aqui?

— Ninguém, senhor.

— Por que cozinha tanto guisado?

— Para durar a semana toda. Nunca sei se terei lenha.

Ksenia olhou pela janela e percebeu que os rapazes estavam voltando. Estes notaram, mesmo de longe, a presença dos inimigos na casa. A jovem disse em voz alta:

— Vivo sozinha aqui. Meus pais estão mortos.

Entendendo o recado, os quatro irmãos entraram no porão usando o alçapão externo. O comandante soviético estacionou os olhos por alguns minutos em um pedaço de pano velho que a anfitriã usava para limpar o fogão à lenha. O retalho estava gasto e sujo de

carvão, mas não o bastante para que o astuto Aleksyéi não reconhecesse nele um pedaço de farda do exército polonês. Andou em círculo pela cozinha, tocando vários objetos pertencentes ao regimento.

— Eu apanhei essas coisas no campo de batalha, senhor — explicou Ksenia. O nervosismo a denunciava.

— Onde estão os soldados inimigos que você abriga aqui? — disparou o russo.

— Soldados do exército polonês não são meus inimigos. São meus compatriotas, meus irmãos. Vocês é que são meus inimigos.

— Onde estão?

— Não existem soldados inimigos aqui além de vocês.

— Se não me disser onde estão esses traidores que deveriam estar no nosso regimento, você será uma amiga fiel, amável e... morta.

Ele riu sarcasticamente. Foi como se Ksenia pudesse ver ali, à sua frente, Carlos, o religioso que amara outrora e pelo qual abrira mão dos próprios filhos, aqueles mesmos que agora estavam no porão sob a casa. Ela disse apenas um não quase inaudível, seguido de um movimento negativo frenético com a cabeça. Lia e Ana, espíritos com o lado maternal desenvolvido a duras penas nas procelas terrestres, amparavam a jovem naquela aflição extrema.

A moça experimentava uma sensação de repetição, como se já soubesse o final da história. Desta vez, porém, protegeria seus filhos. Num ato de coragem insana e estúpida, ela cuspiu no rosto do russo. E, sentindo-se totalmente curada da doença que a acometera um dia, disse, com as lágrimas a banhar-lhe as faces queimadas de frio:

— O senhor não vale nada! O senhor não é nada. Eu o repudio!

Aleksyéi tomou o fuzil que se encontrava encostado na mesa e nem mesmo o engatilhou. A arma trazia afixada em sua extremidade afiada baioneta, que ele usou para, de um só golpe brutal e certeiro, atacar Ksenia no abdome. Gritando de dor e aflição, ela tombou. Cosme e Salomão desligavam-na do corpo, Ana e Lia seguravam suas mãos e o resto de nós se mantinha em fervorosa prece. Uma vez fora do corpo, Ksenia, que estava completamente perturbada,

agarrou-se à porta que ligava a cozinha ao porão na tentativa de proteger os rapazes que se encontravam escondidos. O comandante russo sentou-se para esperar pelos poloneses que ele acreditava estarem para chegar em casa.

Era difícil observar tudo sem interferir. O senso de justiça opaco que temos nos impulsiona a crer que uma injustiça está sendo cometida. Devemos, portanto, ressaltar: não existem vítimas inocentes.

Mas Saulo e Lina, principalmente, com seus temperamentos inflamados, eram difíceis de conter. Miravam a recém-desencarnada no ápice do desespero e o agressor friamente sentado ao lado do corpo jovem e sem vida, à espera de outros para agredir, e choravam desconsolados. Eu os abracei, pedindo que orassem e se harmonizassem. Ana, como última genitora de Aleksyéi, interviria com sucesso.

— Eles terão de aparecer — disse o russo. — Não poderão passar a noite lá fora. Se o fizerem, o frio cortante fará o serviço por mim. Eles virão, porque têm fome e frio.

Descontrolada, Ksenia tentava avançar contra o desafeto e expulsá-lo de sua casa. Não atendia aos apelos de Léon, que tentava acalmá-la. Ana, então, assumiu o papel que viera desempenhar naquela casa. Aproximou-se de Aleksyéi e, fazendo-se visível, envolveu-o em um terno abraço.

— Alyósha! — disse, tratando-o pelo diminutivo.

— *Mamuska*? — ele murmurou. — Como pode? Está morta!

— Sou eu mesma, Alyósha. Estou bem viva. O que está fazendo, filho? Se seu *papacha* pudesse vê-lo hoje, morreria novamente de desgosto.

O rosto do soldado expressava medo, incredulidade e um respeito quase subserviente. Estava diante da genitora, esta figura que nos faz estremecer desde o berço até o túmulo, amada e respeitada em todos os confins da Terra. Há coisas que definitivamente transcendem a nacionalidade; a reação em frente à figura materna foi a primeira que presenciamos.

— Papacha sempre sonhou comigo no exército. — O militar estava estupefato.

— Sim. Mas Nikolai era um homem bom e honesto. Ficaria muito desgostoso por vê-lo cometendo atrocidades e abusando do poder. Deixe essas pessoas em paz, meu filho! Estou muito zangada com você! E seu pai, meu bom Kólya, se pudesse lhe daria uma surra de chicote. A guerra será longa e o mundo dá voltas, Alyósha. Amanhã, pode ser você a minoria indefesa nas mãos de um inimigo sem misericórdia. Vá embora agora! Você prometeu a essa moça que partiria em paz depois da refeição, mas a matou. Que tipo de homem eu criei? Sem palavra? Sem honra? Filhos da Mãe Rússia não se portam assim. Saia imediatamente daqui!

— Sim, mamuska! Estou indo!

Chamou por seus comandados, que não entenderam o que se passara dentro da pequena cabana. Sem opção, seguiram um superior amedrontado, que chorava muito. Julgaram que ele estivesse louco por sair correndo sem esperar pelos poloneses, e isso depois de ter falado sozinho, imaginando ver alguém de patente superior. A única ordem que ele lhes deu foi de esquecerem imediatamente o ocorrido naquela cabana.

Ao ver os russos partirem, deixando "seus meninos" com vida, Ksenia se acalmou, beijou cada um deles e concordou em ser levada para nossa enfermaria.

Mas Ana chorou, sentida pelo filho transviado dos padrões morais que um dia lhe transmitira. Abracei minha nobre amiga e prometi que em breve estaríamos tomando seu rebento nos braços e reconduzindo-o ao aprisco do Pai, de onde nem uma só ovelha se perderá.

De volta à enfermaria, olhamos para Ksenia, que dormia, recuperando-se para estar presente no resgate de Aleksyéi, ou, como dizia Ana, o pequeno Alyósha, ou ainda Carlos, a paixão que deveria se tornar amor e não aversão.

Nós nos sentamos em círculo e agradecemos a Deus pela tutela de Jesus e a Este pela proteção de Zaqueu. Pedimos então a Léon que

nos explicasse a história de Ksenia com base nos estudos da alma. Prestimoso, ele nos esclareceu várias dúvidas:

— A história dessa moça é realmente intrigante. Devem ter percebido que suas duas últimas mortes físicas foram de uma semelhança assombrosa. — Todos concordamos, já que era exatamente essa semelhança que deixara a equipe curiosa. — Pois bem. O evangelista Marcos nos conta, no capítulo IX de seu evangelho, versículo 47, uma passagem na qual Jesus diz: "Se o teu olho for para ti ocasião de queda, arranca-o; melhor te é entrares com um olho de menos no reino de Deus do que, tendo dois olhos e seres lançado à geena do fogo". Sabemos muito bem que céu e inferno são uma questão de estado de consciência. Logo, entrar no paraíso é ter a consciência tranquila e o inferno é a culpa que nos consome. Sempre que cometemos um delito ou escândalo e não temos mais justificativas para esse ato, não tendo a quem culpar ou com quem partilhar nossa culpa, tentamos transferi-la ao órgão ou parte do corpo que usamos para cometê-lo. Bombardeamos esse órgão com as mais variadas toxinas fabricadas pelos sentimentos inferiores que nos dominam e fazemos adoecer o instrumento de nossa queda. À medida que esse órgão se deteriora, nós nos sentimos livres da culpa. Em alguns casos, apenas a mutilação pode nos tornar totalmente libertos. Uma vez mutilados, entramos em um estado de consciência tranquila, ou paraíso. Ao mesmo tempo, a imperfeição espiritual é sanada com a ajuda do corpo físico, que funciona como um abençoado filtro. Assim, entramos no paraíso sem um olho, por exemplo, mas com a consciência tranquila e o perispírito limpo da imperfeição que o escândalo causou a ele. Quando nos culpamos, sentimos que o motivo de nossa queda foi determinado órgão e o fato de "arrancá-lo" de nós nos soa como arrancar a culpa, arrancar o erro. Ksenia, por exemplo: seu maior sentimento de culpa era devido aos filhos que não deixou nascer. Transferiu a culpa ao útero e odiou esse órgão, que já se encontrava danificado pelos atos hediondos. Acabou por atrair a ele a agressão do amante na Espanha. Uma vez no plano espiritual, seu corpo sutil trazia as mesmas avarias

que o físico sofreu. O corpo de Ksenia foi moldado a essa imagem e semelhança, por isso o sofrimento nessa área era agravado pela culpa que ela carregava em seu inconsciente. Assim, ela novamente atraiu o mesmo gênero de desencarnação: teve o útero perfurado.

— E se não houvesse a guerra? Como se daria essa mutilação? — perguntou Ana.

— As lesões inatas, aliadas ao bombardeio de toxinas da própria vítima, a arrastariam para uma infecção e, mais cedo ou mais tarde, ela perderia o órgão.

— E a próxima encarnação dela? Será assim outra vez, já que ela ainda está lesionada?

— Não, Lia. Ela está sendo tratada e, dessa vez, responderá muito bem, pois sua culpa será curada quando souber que seus bebês estiveram com ela e desenvolveram o afeto mútuo e verdadeiro. Ela descobrirá que os amou e foi amada por aqueles rapazes de maneira magistral, pois mais de uma vez salvou a vida deles. E o mais relevante: se não pôde dar a vida a eles, deu a vida *por* eles.

— Quer dizer que, se ela tivesse amado esses rapazes ou feito algo por eles, seria o bastante? Não precisaria da mutilação?

— Claro que não. Poderia pagar o mal que fez a eles com muito amor e trabalho. Porém, sua própria culpa fez dela uma pessoa doente e a impossibilitou de dar à luz. Se não tivesse minado suas forças com esse sentimento que não vale nada, teria ressarcido o prejuízo dos filhos sem dor. Lembrem-se sempre: a culpa não quita débitos, não cura dores, não desfaz o escândalo, não seca lágrimas. A culpa é destrutiva, não nos deixa soerguermos nem a nós mesmos, que se dirá de nossas vítimas? Ela é o prelúdio do arrependimento e da reparação, mas é um caminho muito longo que não precisamos percorrer. O autoperdão, o amor e o trabalho são caminhos curtos e retos.

— Quão perfeita é a justiça divina! — exclamei.

— Sim, meus amigos, o amor cura todas as feridas. Do corpo e da alma. É o melhor remédio, a melhor vacina. Quem ama não tem perrengues. Algum de vocês já ouviu uma narrativa que dissesse:

"Naquele dia, Jesus estava febril, parecia resfriado" ou: "Jesus estava muito deprimido naquela tarde em Genesaré"?

Todos rimos gostosamente e respondemos em uníssono:

— Não, não, de jeito nenhum!

— Ele fazia uso contínuo do maior remédio e nos deu a receita inúmeras vezes.

Todos envolvemos Léon em um abraço coletivo. E nos empenhamos no tratamento de Ksenia, que seria elo importante nos trabalhos de paz.

• • •

Os ânimos agora pareciam acalmados. Entramos no período conhecido como "falsa guerra" enquanto nos preparávamos para os acontecimentos no norte. Era previsto que os alemães estenderiam seus tentáculos em direção à Dinamarca e à Noruega. Em seguida, era óbvio que o alvo seriam os Países Baixos. Estes representavam pontos estratégicos para seus objetivos centrais: a Grã-Bretanha e a "odiosa" França.